



A VISÃO ETNOCÊNTRICA COMO FATOR DIFICULTADOR NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PORTO DE CASTRO, Viviana

Acadêmica do Curso de Pós-graduação em Letras – UFPel, integrante do Grupo de Pesquisa “Línguas em contato”, coordenado pela orientadora Profa.Dra. Isabella Mozzillo
Avenida Bento Gonçalves, 3395 CEP:96015-140 vivianaporto@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em milhares de anos o ser humano foi se constituindo espécie distinta entre os outros seres vivos pelo fato de viver em sociedade e, assim, deixou de ser movido apenas pelo instinto e passou a viver de acordo com as regras estabelecidas pela cultura na qual está inserido. Esse código fundamental atribui significados e sentidos próprios a todas as dimensões de uma sociedade – da comida à música, da arquitetura à língua e tantas mais. Laraia (1986) define cultura como conhecimento aprendido: “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo [ser humano] como membro da sociedade”. (Edward Tylor [1871] apud Laraia, 1986:25)

Em pleno século XXI, pode-se dizer que apesar de ser amplamente divulgada a ideia de que não existem culturas superiores ou inferiores, atrasadas ou adiantadas conforme preconizavam os primeiros estudiosos do assunto, ainda é comum constatar a existência de uma crença que sugere que o grupo do “eu” é o melhor, o superior. A esta visão, dá-se o nome etnocentrismo. O etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do “outro” nos termos da cultura do grupo do “eu”. Assim, aqueles que são diferentes do grupo do “eu” – os diversos “outros”- acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos. É muito comum a prática de rotular e aplicar estereótipos para guiar o confronto cotidiano com a diferença e, assim, transformar a diferença pura e simples em um juízo de valor etnocêntrico.

Se a língua é um dos aspectos culturais da sociedade, pode-se dizer que ela, como caráter identitário, reflete uma determinada comunidade linguística e, assim, também pode sofrer preconceitos e ser estereotipada de diversas formas.

A ideia básica que vincula as relações entre cultura e linguagem é algo complexo e abstrato. Isto se torna mais claro, quando se observa o que

acontece em uma sala de aula de línguas. Everardo Rocha faz uso do seguinte exemplo para demonstrar como isto procede.

[...]quando um professor de língua estrangeira nos alerta para que não tentemos “traduzir” o que vamos falar, para que não pensemos na nossa língua, mas que procuremos estruturar nosso pensamento já na língua que estamos aprendendo, este professor está tocando no vínculo entre cultura, pensamento e linguagem. (ROCHA1994, p.52)

Assim, fica claro que ao aprender uma língua estrangeira aprende-se outra maneira de ver o mundo, de dar sentido diverso à lógica da apreensão da realidade. Cada língua, ao se deparar com as diversas realidades, se transforma em algo, também particular, segundo aquilo que ela elaborou como significativo. Dessa forma, a estrutura própria de uma língua qualquer é, para aqueles que a falam, o fator determinante que organiza sua visão do mundo. “A língua substanciaria a realidade e modelaria a ordem cultural. É a língua, como um véu, que faz a mediação entre a cultura e o mundo da realidade.” (ROCHA1994, p. 53)

No espaço educacional, é muito comum perceber as dificuldades que os aprendizes de Língua Estrangeira (LE) enfrentam, principalmente nos níveis básicos, ao se depararem com uma outra forma de organizar a linguagem e, conseqüentemente, o pensamento. O aluno parece entender que as outras línguas são traduções da sua, por ter uma visão de mundo centrada no “eu”. Acredita-se também, que um dos principais fatores para os altos índices de evasão em escolas de línguas deve-se ao choque cultural. Isto significa dizer que, para efetivamente aprender outra língua, o aluno precisa escapar ao etnocentrismo, ou seja, ter uma percepção do “outro” que não seja centrada no “eu”. Assim, quando o “outro” é compreendido nos seus próprios valores e não nos valores do “eu”, dá-se a Relativização Cultural.

[...] relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença. (ROCHA 1994, p.20)

Relativizar é uma palavra que, até hoje, muito pouco saiu das fronteiras do conhecimento produzido pela Antropologia. No entanto, parece ser ela uma das soluções viáveis para que a diferença seja aceita e respeitada em todos os âmbitos. A relativização cultural deveria ser promovida principalmente pela escola, uma vez que, um de seus principais papéis é o de formar cidadãos conscientes, participativos, criativos, responsáveis e capazes. Para isso, o conhecimento de novas situações culturais só pode favorecer o conhecimento do “outro” e conseqüentemente do “eu”, aumentando, assim, a possibilidade de escolhas a serem efetuadas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Serão realizadas pesquisas com professores de língua estrangeira de nível básico em cursos livres de idiomas, tendo como principais objetivos

constatar (a) se os professores observam alunos com visão etnocêntrica; (b) se estes costumam ter maior dificuldade de aprendizado e (c) qual a postura adotada pelos docentes no intuito de conduzir seus alunos à relativização cultural.

Também serão analisadas produções textuais de alunos com idade a partir de 13 anos, do nível básico de diversos grupos e professores, tendo como finalidade observar se estes veem a língua alvo como tradução da sua língua materna.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas ainda estão em fase inicial, mas espera-se como resultado que a maioria dos professores entrevistados diga que percebe em suas aulas alunos com visão etnocêntrica e que estes costumam ter maior dificuldade de aprendizagem da língua alvo. No entanto, ainda não há expectativas no que diz respeito à postura adotada pelos professores, no intuito de promover a relativização cultural.

Através das produções textuais, é provável que seja evidenciado que alguns alunos veem a língua alvo como tradução da sua língua materna.

4. CONCLUSÕES

Como o trabalho está em andamento, não se tem definida ainda a conclusão. Mas espera-se comprovar que os alunos que possuem visão etnocêntrica têm maior dificuldade de aprendizado da língua alvo.

5. BIBLIOGRAFIA

AUADA, Aglaé; FONSECA, Maria Ruth. A alternância entre a língua materna e a língua estrangeira no contexto educacional brasileiro. In: PRADO, Ceres; CUNHA, José Carlos. (Org.) **Língua materna e língua estrangeira na escola.** O exemplo da bivalência. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 71 - 88

BOHN, Hilário I. A diversidade lingüística é a garantia contra a clonagem (da homogeneização) cultural. In: **Caderno de Letras.** Seminário regional de professores de francês [da] Universidade Federal de Pelotas, v.1, n.8, 2000. p.37 – 44.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 9ª Ed. São Paulo: Paz e terra, 1998. 165p.

LARIAIA, R. B. (1986). **Cultura:** Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LEFFA, Vilson Jose. O professor de línguas estrangeiras: do corpo mole ao corpo dócil. In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira;

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. (Org.). **Linguística Aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: ALAB/Pontes, 2005, p. 203-218.

MOOR, Anne. O ensino de línguas estrangeiras na formação de um cidadão do século XXI. In: **Caderno de Letras**. Seminário regional de professores de francês [da] Universidade Federal de Pelotas, v.1, n.8, 2000,p.45 – 50.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo?**11ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 95p.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua: currículo, leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2005. 142p.